

Economia - Brasil

O capitalismo brasileiro é puro jogo de cena

Herbert de Souza

De repente, alguns insistem em provar teses incríveis para quem vive neste país desde que nasceu, como num jogo de cena onde o que vale é insistir no absurdo com tanta ênfase e frequência que vira verdade (como já teorizou e demonstrou Goebbels).



Vejam os principais:

1. O Brasil é um país fechado ao exterior, voltado para si, que discrimina e barra o capital estrangeiro; em consequência, fica no atraso e perde o bonde da história e da modernização.

Desde Cabral que o Brasil se abriu. A industrialização brasileira sempre se fez e se desenvolveu com ativa participação de capital estrangeiro. A partir de JK, industrialização e internacionalização se transformaram em sinônimos perfeitos. O primeiro carro brasileiro era brasileiro. Desde o Brasil-colônia que a atividade fundamental da economia, além de sobreviver mal e pobremente, era exportar ao máximo e importar o mínimo. Depois de 1964 o Brasil se transformou no paraíso dos investimentos diretos estrangeiros e aí estão Roberto Campos, Delfim e Simonsen para não deixarem ninguém mentir, a não ser que agora se queira chamar esses senhores de extremistas nacionalistas.

Hoje não existe um setor dinâmico de nossa estrutura produtiva que não seja dominado, controlado de modo total ou considerável pelo investimento direto estrangeiro, ou que não tenha uma articulação direta ou indireta com o sistema internacionalizado de nossa economia. Quem ignora esse fato ou não vive aqui ou quer fazer alguém de idiota. É clássica a análise do tripé sobre o qual se assenta a economia brasileira: multinacionais, empresas nacionais e estatais. É também visível e comprovado o fato de que o setor estatal existe fundamentalmente para servir e subsidiar os outros dois através da contenção sistemática de seus preços e tarifas.

Falar que o setor mineral é nacionalizado porque se conseguiram algumas medidas protecionistas na nova Constituição é ignorar que as grandes corporações transnacionais já controlam mais da metade de todas as reservas existentes neste mundo mineral chamado Brasil. Que cronistas políticos e comentaristas econômicos insistam nessa tese só depõe contra suas inteligências.

2. O Brasil ficou protecionista porque hoje não abre mão da reserva de mercado na área da informática:

Essa é uma outra falácia na medida em que se toma uma política que tenta proteger um pedaço de um setor controlado pelas grandes multinacionais da área (entre elas, nada menos que a IBM) em tudo o que não seja microinformática, como prova de que o Brasil discrimina o capital transnacional em todos os outros setores. A exceção é apresentada e usada como argumento contra uma regra geral inexistente. A verdade é que o Brasil ficou protecionista porque protege todos os investimentos estrangeiros existentes dentro

do Brasil contra os interesses dos consumidores brasileiros, que são obrigados, por exemplo, a comprar carros a preços internacionais sem a qualidade correspondente. A desculpa das montadoras de que os carros nacionais não podem ter mais qualidade porque ficariam muito caros, fofa do alcance da classe média brasileira, é ridícula: o Fox (que aqui é o "nosso" Voyage) é um dos carros mais baratos do mercado canadense, custando, em dólar-turismo, quase a metade do que custa aqui, depois de sofrer quase trezentas modificações para torná-lo mais avançado e poder competir com os carros japoneses e coreanos. Somando-se os impostos, o preço do Fox seria lá o mesmo que o do Voyage aqui. Por que, então, o daqui tem que ter qualidade bem inferior? Por que a indústria automobilística é protegida? Como, se ela já é integralmente transnacional?

3. O Estado brasileiro é um monstro que deve ser contido, diminuído, disciplinado e, se possível, eliminado da vida econômica enquanto intervenção direta:

A defesa do Estado é sempre atribuída à esquerda e a setores militares nacionalistas. Outra curiosa inversão dos fatos ocorre nessa área. Desde que o capital aportou nesta terra, que domina o Estado, vive dele e gosta dele. Nunca o Estado brasileiro foi socialista. Não há registro histórico de que isso tenha ocorrido, a não ser na fantasia dos anticomunistas e no sonho de setores de esquerda que preferem esse caminho para o desenvolvimento brasileiro. Depois de 1964, o Estado brasileiro teve um imenso desenvolvimento, exatamente para servir o tripé empresarial e beneficiar fundamentalmente o sócio maior aqui instalado. A Companhia Siderúrgica Nacional vende seus produtos pela metade do preço do mercado internacional exatamente para a indústria automobilística transnacional instalada no País.

É claro que, de tanto servir dessa forma, o Estado brasileiro acabou-se transformando num monstro de corrupção, ineficiência e com um custo que, agora, ninguém quer mais pagar. Quem o criou e dele se beneficiou, no entanto, agora aparece como inocente privatista em luta pela liberdade, pela livre iniciativa e a democracia. O monstro ficou sem pai e sem mãe, sem criador e sem beneficiários. Só sobrou um tal de marajá, que foi ameaçado de uma caçada durante a campanha eleitoral como o vilão da história.

Privatizar poderá então se transformar no mais lucrativo negócio da década, na medida em que forem repassadas as empresas estatais, amarradas pelo congelamento de suas tarifas e preços, para o setor privado que logo depois soltará a galinha dos ovos de ouro comprada com os impostos de todos nós.

4. Finalmente, Collor, o presidente performático, sai pelo mudo dizendo que agora o Brasil vai ser capitalista e sente muito identificado com o presidente Gorbachev, porque ambos estão enfrentando os mesmos problemas:

Assim é demais...

Herbert de Souza é cientista político e secretário executivo do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE).